

MATÉRIA PARA O ACONTECE: ESPETÁCULO DE CÉLIA GOUVÊA*

Ana Francisca Ponzio

Hoje e amanhã são as últimas chances para ver o espetáculo de Célia Gouvêa, uma das melhores expressões da dança contemporânea brasileira.

Na sala Jardel Filho do Centro Cultural São Paulo, Célia está apresentando um programa equiparável ao que se vê nos festivais internacionais que mostram as experiências mais arrojadas da dança produzida hoje.

Com um senão: sem a repercussão merecida. Comemorando 20 anos de carreira, Célia constata que sequer teve oportunidade, no Brasil, de manter uma companhia estável de dança moderna.

Mas, as dificuldades não interferem na criação. “Pedra no Caminho” e “A Morte e a Donzela”, as duas peças do programa em cartaz, demonstram o permanente processo de pesquisa da coreógrafa, que desenvolve uma linguagem com personalidade própria.

As duas coreografias foram criadas no final do ano passado. No entanto, são quase inéditas para o público de São Paulo, onde até agora somaram pouquíssimas apresentações.

“Pedra no Caminho” se inspira no poema “No Meio do Caminho”, de Carlos Drummond de Andrade. Interpretada por três bailarinos (Ricardo Fornara, Rosa Primo e Francisco Rider), comprova o requinte cênico atingido por Célia.

Equilibrando os recursos utilizados, da voz ao gesto, do som à luz, “Pedra no Caminho” transforma-se em eco visual à poesia de Drummond, cuja voz, interpretando o próprio poema, pontua as últimas cenas do espetáculo.

A peça é curta e enxuta, com personagens abstraídos em si mesmos e jogos gestuais que se baseiam em composições e decomposições de movimentos.

Completando a atmosfera de alheamento da obra, há o cenário e a iluminação de Maurice Vaneau e a música especialmente criada por Hélio Ziskind, que produziu sons aparentemente discretos, mas que dão coesão e vigor aos desdobramentos cênicos.

A coreografia seguinte, “A Morte e a Donzela”, é mais teatral. Com música de Schubert (o Quarteto de Cordas nº 13 em Ré Menor), mostra o confronto entre vida e morte num nível sutil: o questionamento interno de uma mulher, representada pela própria Célia.

Pena que as duas décadas de carreira de Célia Gouvêa não mereceram uma retrospectiva. Formada num dos melhores berços da dança moderna europeia, Célia foi colega de Maguy Marin no Chandra, grupo originado no Mudra, escola de vanguarda fundada por Maurice Béjart na Bélgica entre os anos 60 e 70.

* In: **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p. [?], 25 out. 1994.